



MENSAGEM SIMBÓLICA NA MÚSICA DE FORRÓ: INCENTIVO AO USO DO ÁLCOOL

SYMBOLIC MESSAGE IN 'FORRÓ' SONGS: ENCOURAGEMENT FOR THE ALCOHOL USE

Roberlândia Evangelista Lopes ¹

Bruna Vieira Gomes ²

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre o interdiscurso da música de forró “Beber, Cair e Levantar” e sua relação com o estímulo às culturas permissivas ou superpermissivas para o consumo do álcool. Primeiramente, fizemos uma leitura flutuante dessa música a fim de conhecermos seu conteúdo. Em seguida, realizamos a codificação e a formulação de categorias abstratas e generalizáveis. As categorias que surgiram foram: uso do álcool e o estímulo à sociabilidade; uso do álcool e diversão; e reforço positivo da subcultura do “machismo”. A produção textual permitiu fazer reflexões a respeito de como a música de forró atual pode se constituir permissiva ou, mais empiricamente, superpermissiva ao uso/abuso do álcool nas comunidades. O que sinalizamos nesse momento é o quanto podem ser significativos os processos acumulativos culturais e sua construção de interdiscursos nas instâncias públicas e dentro de lares que não possuem consciência crítica para trabalhar tais processos de associações. Isso pode gerar condicionamentos tendenciosos ao uso do álcool.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas; Antropologia Cultural; Características Culturais.

ABSTRACT

This study had as objective to understand the inter-discourse from the ‘Forró’ song “Beber, Cair e Levantar” (Drink, Fall, and Get up) and its relationship with the stimulus to the permissive or super-permissive traditions for alcohol consumption. First, we performed an initial reading of the song to get to know its content. Subsequently, we coded and formulated abstract and generalized categories. The categories that arose were alcohol use and stimulus for sociability; alcohol use and entertainment; and positive strengthening of the “machismo” subculture. Textual production enabled us to reflect on how current ‘Forró’ music may be held as permissive, or as we could say more empirically, super-permissive for alcohol use/abuse in communities. At this point, we highlight how significant accumulative cultural processes and their building of inter-discourse in public authorities, and within homes that do not have critical conscience to deal with such association processes, may be. This may generate tendentious conditioning for alcohol use.

Key words: alcoholic beverages; cultural anthropology; cultural characteristics.

1- Enfermeira. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora Substituta do Curso de Enfermagem da UVA. Sobral, CE, Brasil.

2- Enfermeira. Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Docente no Instituto Superior de Teologia Aplicada – Faculdades INTA. Sobral, CE, Brasil.

INTRODUÇÃO

Quando se discute sobre os malefícios envolvidos no consumo de álcool, em geral, prevalecem questões médicas ou de saúde nos debates. Impossível desconsiderar, no entanto, que o álcool está intimamente ligado a problemas no campo social. Essa tem sido considerada “a dimensão esquecida”, entre outras razões, pela inexistência de padrões métricos pareáveis com dados de saúde devido à insuficiente sistematização internacional de dados sociais comparativos e também em função da limitação das fontes de informação já existentes cuja captação de dados não permite estudos estruturados¹. Temos que nos atentar para os múltiplos vieses que propiciam o seu uso e abuso. Isso nos condiciona a entender que a experiencição ao álcool possui múltiplos determinismos sociais.

O cenário físico da droga pode ser chamado de microtexto, diferenciado daquilo que se pode chamar de macrocontexto. Este é o meio social, cultural, político e econômico em que o uso da droga ocorre. É por isso que, nesse sentido, não podemos esquecer-nos do construto social carregado de peculiaridades das culturas nas quais as pessoas estão inseridas². Sabemos que o uso da droga sempre esteve presente na vida das pessoas, seja em rituais de passagem, comemorações sociais ou ritos religiosos. Então, é algo que faz parte de um processo de interiorização das sociedades e que passa por um processo acumulativo de geração para geração, às vezes no âmbito familiar. E a maioria desses processos pode predispor um estímulo à sociabilidade entre as pessoas. É como se ali houvesse códigos e condutas que são assimilados/aceitos por toda aquela sociedade que dela participa.

Essas sociedades e suas especificidades podem ser chamadas de subculturas, como descrito por Helman². Este alega que os adictos frequentemente formam uma subcultura marginal com sua própria visão do mundo. Nessas subculturas, as formas de dependência e enfrentamentos podem ser similares e desenvolver modelos que, de forma direta ou indireta, influenciam o uso de substâncias psicoativas.

Quando nos direcionamos a modelos, é fundamental pôr em pauta os modelos do alcoolismo, uma vez que esses surgem em múltiplas facetas para tentar abarcar a complexidade dos diversos fatores que podem influenciar as taxas de alcoolismo. Dentre esses modelos, temos: modelos morais, modelos de doença, políticos, econômicos e socioculturais. Esse último será descrito previamente, visto que a intencionalidade do texto tem um cunho cultural acentuado, pois sabemos que cada grupo cultural tem sua referência de aceitável no uso álcool.

Mas, o que a população em geral tem como “normal” no uso de bebida alcoólica? O consumo normal refere-se

Sabemos que o uso da droga sempre esteve presente na vida das pessoas, seja em rituais de passagem, comemorações sociais ou ritos religiosos.

ao consumo diário do álcool nas refeições ou em ocasiões sociais e rituais².

Tendo essa fundamentação teórica do uso “normal” ou “anormal”, O’Connor³ fez uma classificação das culturas e uso do álcool. As culturas foram classificadas em abstinentes, ambivalentes, permissivas e superpermissivas. As culturas abstinentes são aquelas em que a sociedade que delas participam proíbe o uso da droga em qualquer situação. As culturas ambivalentes apresentam uma mutualidade e contraste quanto ao uso do álcool. Nas culturas permissivas, as normas, códigos e condutas em relação à bebida alcoólica são permitidos e compartilhados, no entanto, temos que nos atentar que essa cultura visa ao uso controlado e em ocasiões especiais. Por fim, temos as culturas superpermissivas, que apresentam um uso maior em relação à última, entretanto, todas consideram um índice “normal” do uso.

Por reconhecer alguns conflitos de tradução do termo permissivo do inglês para o português, assim como o entendimento do “limite” de uma cultura permissiva para superpermissiva, as autoras farão a opção de conhecer alguns conceitos semelhantes ou complementares atribuídos às culturas pelo autor supracitado para clarificar os termos permissivos e superpermissivos. Para fins dessa produção textual, optaremos pelos conceitos permissivos e superpermissivos adotados por O’Connor³.

No Brasil, podemos encontrar culturas permissivas e superpermissivas, o que define tais culturas são as subculturas que vivenciam o processo. Estudos demonstram que as prevalências de dependência foram maiores nas regiões Norte e Nordeste do país e o fator ainda mais preocupante é que, no Brasil, 5,2% dos adolescentes mostraram-se dependentes do álcool⁴.

No Brasil, o consumo anual de álcool *per capita*, conforme verificado em 2004, incluindo o consumo não registrado, foi estimado em 8,32 litros de álcool puro por adulto, quantidade muito acima da média mundial, que é de 5,8 litros⁵.

A mídia também tem uma relevância dentro desse processo. Atualmente, nos deparamos com produções da indústria cultural que incitam ao uso de drogas, direta ou subliminarmente. Propagandas revelam atitudes ou *status*

que sugerem aos espectadores sensações de aceitação, inclusão em grupos a partir da prerrogativa do consumo de álcool. É como se houvesse, à venda, um produto que te proporcionasse felicidade plena e inesgotável. Tais processos podem conduzir apenas assimilação dos pontos positivos do consumo do álcool.

A música, dentro desse contexto, gera reflexões sobre o seu papel e sua relação com a sociedade, uma vez que esta tem influência de sedução e envolvimento sobre a vida das pessoas, grupos ou famílias. Ela pode influenciar a identidade pessoal ou social de um indivíduo, além de gerar uma fundamentação positiva e/ou negativa na vida das pessoas. Mas, de um modo geral, ela é considerada ciência e arte na medida em que as relações entre os elementos musicais são matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações⁶.

A influência exercida pela música no cotidiano traz representações diversas sobre o uso do álcool e sua relação com a sociedade. E alguns estilos de música têm capturado a atenção dos pesquisadores, particularmente, pela descrição de comportamentos de risco nas suas letras. Algumas trazem um conteúdo com estímulo a experimentar as bebidas alcoólicas.

Vários estilos musicais brasileiros, de alguma forma, já abordaram ou abordam o uso do álcool em nosso meio e a sua relação com ideação de reforço positivo da droga, ou seja, beber para ser feliz; ou reforço negativo, beber para esquecer os problemas e as tristezas. Dentro desse contexto, temos que nos reportar novamente para as subculturas e, nesse caso, suas relações com a música. E questionamos: Como esses grupos representam sua forma de se relacionar com a arte, no caso, com a música? Essas atuam de forma positiva ou negativa nas subculturas?

Hoje, dentro de um estilo musical chamado forró, comum no Nordeste do Brasil, nos deparamos com um “leque” de músicas que abordam tal situação.

O forró é um estilo musical bem aceito no público e na mídia, especialmente no Nordeste. Luiz Gonzaga foi um autor que contribuiu para a disseminação desse ritmo pelo Brasil e pelo mundo, no entanto, não é mais o forró de Luiz Gonzaga que ouvimos nas rádios e nas principais casas de *show* do Ceará.

Silva⁷ sugere algumas denominações para forró, que são:

- O Forró tradicional surgiu na década de 40 e possui características ligadas ao universo rural do homem sertanejo. O forró tradicional popularizou o estilo. Como representante propulsor, temos Luiz Gonzaga.

- O Forró universitário surgiu a partir de 1975, mas só veio se concretizar definitivamente na década de 90, quando já estava em sua segunda fase. O forró universitário é fruto da união do forró tradicional com outros ritmos, como o *pop*

A influência exercida pela música no cotidiano traz representações diversas sobre o uso do álcool e sua relação com a sociedade.

e o *rock*. Assim, tem-se a mistura da linguagem regional do forró com a linguagem da música popular urbana, ainda acrescentando elementos do *rock* e do forró tradicional.

- O Forró eletrônico, por sua vez, surgiu no início dos anos 90. A sua principal característica é a linguagem carregada de gírias, estereótipos e palavras “eletrizantes”. As apresentações dos grupos são o ponto forte dessas bandas, que fazem uso de muitos efeitos visuais, fazendo com que a música perca o seu papel de atração principal. No palco, encontramos uma estrutura completa de elementos com muita iluminação, equipamentos de som com tecnologia de ponta e ainda existem as entradas de som para órgãos eletrônicos, como a guitarra, que vem para substituir, aparentemente, a sanfona.

O estilo passou por várias transformações, o que fez com que fosse criada, pelos pesquisadores do assunto, uma nomenclatura que vai desde o “forró tradicional” até o “forró *pop*”. Sugerimos, neste artigo, o uso do termo “forró *escrachado*” para explicar o que acreditamos ser um novo momento do forró⁸, esse estilo musical que surgiu no ano de 2000 e se caracteriza por sucessos rápidos que tocam incessantemente nas rádios.

O universo do forró *pop* no Ceará é caracterizado pela mobilização de milhares de adeptos, com um público majoritariamente, mas não exclusivamente, de jovens e urbanos, com uma intensa produção cultural expressa na vendagem e circulação de milhares de discos, o surgimento constante de novas bandas e a configuração de diversos espaços, como “clubes” noturnos e “casas de forró”⁸.

Na subcultura do forró, encontramos ações e códigos que caracterizam as pessoas que são denominadas “forrozeiros”. Estas, geralmente, fazem uso de bebida alcoólica e da sociabilidade que o álcool proporciona, valorizando carro, dinheiro, mulheres e imensos “paredões”, que são aparelhos de som de grandes proporções.

Este trabalho é uma tentativa de tecer reflexões a respeito de como o forró, enquanto fragmento do discurso do cotidiano, contribui para o uso permissivo ou superpermissivo do álcool nas subculturas nordestinas.

Temos que relatar que as discussões sobre a temática a priori surgem na disciplina de Cultura, Saúde e Doença do curso de Mestrado em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará, em Sobral-CE. Nessa disciplina, trabalhamos a relação da influência cultural no contexto das pessoas. As autoras têm como foco o álcool por este ser a área de estudo das mesmas.

Por reconhecimento de interdiscursos nas letras das musicais de forró, dito “escrachado”, e a compressão da dinâmica do discurso na construção dos valores e das relações culturais, sociais e políticas, nessa produção textual fazemos reflexões sobre a letra de uma música do referido estilo musical para analisar seu interdiscurso e sua relação com o estímulo às culturas permissivas ou superpermissivas.

A partir do exposto, define-se como objetivo deste trabalho compreender o interdiscurso da música de forró “Beber, Cair e Levantar” e sua relação com o estímulo às culturas permissivas ou superpermissivas ao uso e abuso do álcool.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um estudo exploratório-descritivo pelo fato de considerar o interdiscurso da música analisada. É válido salientar que as impressões analisadas pelas autoras terão um aprofundamento empírico, no entanto, haverá um posicionamento enfático de suas percepções sobre a temática. A música selecionada foi “Beber, Cair e Levantar”, de autoria de Marcelo Marrone e interpretada por Aviões do Forró, lançada em 2004. Abaixo disponibilizamos a letra da referida música.

Beber, Cair e Levantar

| | | |
|----------------------------------|----------------------------------|-------------------------|
| Vamos simhora | Beber, cair, levantar! | Vamos simhora |
| Prum bar | Beber, cair, levantar! | Prum bar |
| Beber, cair e levantar | Beber, cair, levantar! | Beber, cair e levantar |
| (2x) | Beber, cair, levantar! | (2x) |
| Beber, cair e levantar! | Vamos simhora | Beber, cair e levantar! |
| Beber, cair e levantar! | Prum bar | Beber, cair e levantar! |
| Beber, cair! | Beber, cair, levantar | Beber, cair! |
| Beber, cair e levantar! | (2x) | Beber, cair! |
| Cabra safado | Beber, cair e levantar! | Beber, beber, cair! |
| Tá na zueira | Beber, cair! | Beber, cair e levantar! |
| Só gosta mesmo | Beber, cair! | Beber, cair e levantar! |
| É de mulher doideira | Beber, cair! | Beber, cair! |
| Mulher direita | Cabra safado | |
| o cara não quer | Tá na zueira | |
| Fica estressado | Só gosta mesmo | |
| E até briga com a mulher | É de mulher doideira | |
| Eu já quis me mudar pro meu amor | Mulher direita | |
| Mas a cachaça me pegou | Marujo não quer | |
| E a farra agora | Fica zangado | |
| É meu lugar | E até briga com a mulher | |
| (2x) | Eu já quis me mudar pro meu amor | |
| Se você quiser me acompanhar | Mas a cachaça me pegou | |
| Vou te convidar | E a farra agora | |
| Pra ir pra onde? | É meu lugar | |
| Bora! Bora! | (2x) | |
| Vamos simhora | Se você quiser me acompanhar | |
| Prum bar | Vou te convidar | |
| Beber, cair e levantar | Pra ir pra Juazeiro | |
| (2x) | Vem! | |

A temática majoritária das músicas da banda incorpora certa continuidade entre a festa e a relação amorosa e sexual, descrevendo estratégias de conquistas, narrando belezas femininas, comentando ações e situações do casal. As canções do grupo Aviões do Forró inserem-se, quase sempre, no que a pesquisadora Mônica Leme chamou de vertente maliciosa da música popular brasileira, caracterizada por uma forte integração entre ritmo, texto, música e dança, utilizando “letras de duplo sentido, geralmente humorísticas, cuja carga semântica pode se intensificar através do auxílio de gestos sensuais da dança”⁹.

Como método de análise, optamos por realizar a categorização neste estudo. Essa fase dá ao investigador um mapa horizontal de suas descobertas no campo¹⁰.

DISCUSSÃO

Primeiramente, foi feita uma leitura flutuante da música supracitada a fim de conhecermos seu conteúdo. Realizamos a codificação e a formulação de categorias abstratas e generalizáveis. As categorias que surgiram: uso do álcool e estímulo à sociabilidade; uso do álcool e diversão; e reforço positivo da subcultura do “machismo”.

Uso do álcool e estímulo à sociabilidade

A sociabilidade, portanto, seria uma consideração de modos, padrões e formas de socialização em contextos ou em círculos de interação e convívio social, nos quais atuar como se todos fossem iguais seria uma das regras implícitas¹¹. A necessidade de pertencer a um grupo, o desejo de sentir-se adulto, bem como a curiosidade, são apontados como as principais razões que fazem da adolescência um período propício para a experimentação de coisas novas, como o álcool e outras drogas¹².

No trecho “Vamos simhora. Prum bar. Beber, cair e levantar” tem um interdiscurso implícito que merece um destaque em cada uma das palavras relatadas. O termo “vamos” representa uma variação do verbo ir, que quando conjugado tem uma relação direta com o pronome nós, ou seja, se conjugado no presente do indicativo obtemos: nós vamos. Isso prediz implicitamente o uso do álcool no convívio social em grupos.

Em estudo, onde 50 letras de músicas populares foram analisadas, encontraram 52 respostas explícitas e implícitas à categoria “com quem se bebe”, 44% das respostas estão direcionadas a outra pessoa/grupo e/ou ao próprio consumidor, o restante se constituiem não definido, 56%. Sendo que a subcategoria amigos/turma/rapaziada representa 52%, seguida de outras pessoas 22%, de uma garota 17% e de sozinho 9%¹³.

O “bar” passa a ser o ponto de encontro de pessoas e grupos sociais que dividem condutas e normas similares.

A droga possibilita a inserção no grupo, uma vez que, na grande maioria deles, é considerada como algo poderoso; que quando utilizada traz, além da sensação inicial de prazer e bem-estar, uma ilusão de coragem, a crença de um reconhecimento no grupo como alguém corajoso e forte¹⁴.

A palavra “simhora” é um vício de linguagem que atinge uma variabilidade maior de classes sociais, visto que essa linguagem coloquial se aproxima de forma mais enfática das classes sociais mais precárias, que, muitas vezes, são mais vulneráveis.

O “bar” passa a ser o ponto de encontro de pessoas e grupos sociais que dividem condutas e normas similares. E a sua associação ao uso do álcool tem uma relação direta com sociabilidade no ponto de encontro demarcado, ou seja, o bar. Essa anunciação pode condicionar os bares como lugar de sociabilidade e uso contínuo por todos. O convite surge na mesma perspectiva de um convite para lazer e diversão. Em analogia, seria a mesma coisa de estar convidando as pessoas a irem ao teatro e cinema.

De acordo com o estudo de Vasconcelos¹³, o lugar preferido para beber retratado nas músicas é o bar. É nesse espaço que, com frequência, as pessoas veem, no ato de beber, um ritual de sociabilidade¹⁵. Quando a música se refere a ir ao bar para “Beber, cair e levantar”, essa ação nos remete ao uso abusivo do álcool, estando implícita uma noção de superpermissividade ao uso de álcool. As pessoas são incentivadas a utilizar bebida alcoólica de forma descontrolada.

Já os estudos de Reis¹⁶ apontam que quanto ao local de uso 96,6% das pessoas bebem em festas, 40% fazem o uso na rua, 6,7% consomem dentro do carro, 16,6% na própria residência, 10% em restaurantes, outros 10% em casa de amigos e 3,3% em eventos esportivos fora da escola.

O fenômeno da influência social está presente nos relacionamentos humanos, constantemente estamos influenciando ou sendo influenciados por algo ou alguém, e a música é um poderoso meio de influência social cuja indústria mobiliza várias pessoas. Isso demonstra a susceptibilidade do homem de influenciar e ser influenciado.

Não existe aqui intenção de desconsiderar as influências

do contexto cultural, porém Silva¹⁷ nos alerta que a transmissão de valores e o desenvolvimento da maturidade emocional, seja em nível funcional (saúde), seja disfuncional (patologia), hoje estão diluídos em diferentes agrupamentos sociais¹⁷.

Uso do álcool e diversão

Nos trechos “Tá na zueira” e “Lugar de felicidade e alegria” é nítida a associação do álcool como algo prazeroso e estimulante da felicidade plena. Algumas gírias são acrescentadas para popularizar e atingir a todas as classes, pois facilitam a compreensão da música e sua difusão nas massas populares, já que o álcool é corriqueiramente consumido no ambiente domiciliar, em festividades ou mesmo em ambientes públicos¹⁸.

Com base no descrito, sabemos que uso do álcool está arraigado em nossa cultura e que somos uma cultura superpermissiva ao uso. No entanto, até que ponto existe consciência de que essas práticas estão estimulando o uso problemático do álcool? São letras que trazem uma ideia de que beber muito é comum, é permissivo e é bom, ou é superpermissivo. A cultura superpermissiva, que estimula o uso exagerado do álcool, pode trazer às crianças a falsa ideia de que o uso de drogas traz alegria e felicidade, devendo, portanto, ser desencorajado¹⁶. Como os padrões culturais tendem a ser o mesmo dentro das famílias, é importante a reflexão sobre o consumo do álcool somente ligado ao prazer, à alegria, à felicidade e ao bem-estar.

O uso excessivo do álcool pode tornar-se perigoso, uma vez que quanto mais álcool na corrente sanguínea menor é a autocritica. Um indivíduo alcoolizado apresenta maiores chances para comportamentos de risco, como beber e dirigir, agressões físicas e outras violências, além de aumentar o risco de uma série de problemas sociais e de saúde, incluindo: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, infarto do miocárdio, acidentes de trânsito, problemas de comportamento, violência e ferimentos não intencionais¹⁹.

O consumo do álcool em nossa cultura é visto com naturalidade, e o ato de beber está associado a um momento de descontração e exercício da liberdade do sujeito, que foge de problemas que possam existir em sua vida sentimental ou no trabalho. Mas questionamos até que ponto tais discursos, como os retratados na música, serão tidos como verdadeiros pela comunidade? E até que ponto as pessoas terão consciência do beber “normal”, padronizado por toda sociedade? Mesmo se tratando da música como um produto “cultural” composto para levar à descontração, este conflito de discursos não está apagado, ao contrário, é ele que constitui o discurso em questão²⁰.

Como o consumo de álcool na sociedade contemporânea

*Sabemos que uso
do álcool está
arraigado em nossa
cultura e que
somos uma cultura
superpermissiva ao
uso. No entanto...*

é visto predominantemente de forma positiva, existe uma grande dificuldade de reconhecimento de determinados padrões de consumo como doença e, ao mesmo tempo, a mobilização de profissionais de saúde para diminuir índices de problemas decorrentes do uso do álcool²¹.

A dependência resulta em escravização do indivíduo, que normalmente procurou o álcool como fonte de prazer. Sabemos que o álcool tem dois momentos de ação no Sistema Nervoso Central. O primeiro é o do estímulo, em que as pessoas criam coragem para se socializar, namorar e fazer algo que não tinham coragem na não embriaguez, ou fase eufórica, que se caracteriza por um processo de desinibição com sensação de prazer e de alegria, momento que pode ser confundido com felicidade plena. No segundo momento, o álcool age como depressor da atividade cerebral, reduzindo a ansiedade, mas prejudicando a coordenação motora. E quanto mais álcool, menor a autocritica e maior o risco ao indivíduo e à ordem social.

Reforço positivo da subcultura do machismo

O forró é típico da região nordestina e nessa região é bastante presente a cultura patriarcal. Nas músicas de forró, é nítida essa relação que estimula e exalta a masculinidade do homem que bebe e a submissão da mulher a esse fato. E a maioria trazem representações de gênero, tanto do masculino quanto do feminino, o que nos mostrou a necessidade de abrir um espaço para este debate.

Em nossa cultura, cada gênero tem as convenções culturais pré-determinadas, como a mulher é para casar e ter filhos, o homem é o provedor da família, mesmo diante da conquista do espaço e da maior liberdade da mulher. Sobre a separação biológica dos sexos, foram e são construídas normas que guiam os comportamentos, atitudes, formas de pensar, de se vestir, relacionamentos, tanto de homens como de mulheres em seu cotidiano¹³.

Essas normas e comportamentos são reforçados pela mídia, que exalta a participação deste estilo, principalmente por meio das rádios/*internet*. Várias emissoras de rádio têm programas diários destinados ao forró. As letras refletem

temas bem atuais e/ou universais e trazem representações ligadas ao masculino e ao feminino. Muitas destas composições possuem, em seu conteúdo, apelação sexual e palavras chulas, acompanhadas por um “teor cômico” e duplo sentido.

Corroborando com isso, Lioto²⁰ afirma que as mulheres aparecem como objeto de desejo daqueles que consomem bebidas alcoólicas, e o sujeito que bebe tem êxito na empreitada. A autora ainda complementa que o mais habitual é que a mulher assuma a postura passiva e de aceitação, e que a bebida apareça como fonte de prazer.

Na pesquisa de Matos²¹ é ressaltado que a música é um meio em que é permitido aos homens expressarem os seus sentimentos com relação às mulheres. A letra da música analisada, indiretamente a um cunho de aproximação das pessoas e mulheres, e isso pode ser um dos principais motivos para levar o homem a beber, pode indicar que a bebida é usada como um meio de sociabilidade, já que o ato de beber é realizado principalmente em lugares públicos, como bares e festas, e com outros indivíduos, como amigos, mulheres e outras pessoas.

Não poderia ser diferente no enredo da canção analisada, uma vez que esta gira em torno de um homem conquistador de mulheres, que gosta muito de bebida alcoólica, gosta de festejar, de música em alto volume, isto é o que nutre essa subcultura.

Outros personagens bem presentes dentro das histórias contadas nas letras de forró é a figura de “raparigueiro”, “cabra safado”, “desmantelado”. O “raparigueiro”, “cabra safado” é representado pelos forrozeiros como o homem que tem várias mulheres e que está sempre reafirmando a sua virilidade. Já a “rapariga” é a denominação dada à mulher vista como fácil de conquistar, apenas objeto de uso do desejo masculino, interessada em dinheiro, luxo e bebidas. Toda gíria ou palavra surge em um contexto sócio-histórico específico, portanto é um fenômeno ideológico por excelência⁹. Podemos notar, com esta afirmação, que as expressões linguísticas carregadas de significados culturais que ilustram as músicas populares mostram muito sobre acontecimentos de um povo, a sua formação e a sua história⁸.

*As letras de músicas
apresentam cada
vez mais conteúdos
violentos, com apelo
sexual explícito e
incentivo ao uso de
álcool e droga.*

Tal fato é visto como um processo de objetificação do corpo da mulher como um produto de consumo²². No forró contemporâneo e, especificamente, no forró eletrônico, as músicas falam sobre mulheres, descrevem corpos e condutas para a existência feminina, constroem representações que são aceitas e utilizadas em suas práticas sociais, veem nelas também uma “representação de seu cotidiano”, o que aumenta sua identificação com as músicas²⁴.

Por último, temos a figura do “desmantelado”, que é o homem que gasta dinheiro com muitas farras, bebidas e está sempre se divertindo, e não quer se prender em um relacionamento amoroso sério com quem quer que seja. Isso tudo “vende” uma imagem de que, para ser assim, temos que beber muito e ter dinheiro porque só assim o homem terá muitas mulheres. E elas são submissas, muitas corroboram com essa condição na exaltação das letras musicais e tais condutas “machistas”.

O imaginário machista é algo que assenta as raízes do patriarcalismo e dá lucros financeiros gigantescos à indústria fonográfica, movimentando uma multidão de conceitos estereotipados que fazem “valer a pena” perenizá-la²⁵.

O homem não vai firmar relações porque a mulher direita só o deixa estressado. Já no bar ele pode encontrar mulher “doideira”. Essa é tida como a mulher que bebe e que “topa tudo”. Veja este trecho da música: “Só gosta mesmo de mulher doideira. Mulher direita, o cara não quer”.

A mulher doideira, no caso, é mais privilegiada do que a mulher “direita”. Essa última é a mulher para casar, que fica em casa e cuida dos filhos, enquanto o marido bebe com as mulheres “doideiras”. E isso condiciona o aumento do uso de bebidas alcoólicas nas mulheres e maior promiscuidade sexual. As letras de músicas apresentam cada vez mais conteúdos violentos, com apelo sexual explícito e incentivo ao uso de álcool e drogas²⁴.

Diante disso, finalizamos esta discussão afirmando que o conflito cultural e existencial que o cunho dessas músicas pode trazer tem uma relação direta na forma como algumas mulheres se comportam e em suas decisões futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção textual permitiu fazer reflexões a respeito de como a música de forró atual pode se constituir permissiva ou, mais empiricamente, superpermissiva ao uso/abuso do álcool nas comunidades. É válido salientar que, nas músicas, a liberdade de expressão do compositor o deixa livre para falar da bebida como queira e quem canta as músicas apenas quer que seu produto seja aceito e faça sucesso, eles não precisam necessariamente agir conforme o ponto de vista sustentado nas músicas.

E isso pode condicionar letras que tragam a associação do

ato de beber como possibilidade de fuga dos problemas e o único momento em que o sujeito poderia ter pleno exercício de sua liberdade. O que nos preocupa é o lado silencioso, é a não alegação de que o álcool traz sérios problemas à saúde e pode se tornar um problema social. Além produzir interdiscursos no enfoque do uso abusivo do álcool como benéfico para as pessoas, elas ainda estimulam a ida aos bares para fazer uso do álcool, bem como uma analogia implícita do uso do álcool e o encontro da felicidade, das mulheres, do luxo, da sociabilidade e expressões machistas da masculinidade.

Alertamos que sob nenhuma hipótese é função das autoras negar ou criticar o estilo musical forró ou a sua subcultura, visto que este faz parte do processo cultural histórico e da expressão de felicidade e de sociabilidade de muitas famílias brasileiras. A intencionalidade surge aqui mediante reconhecimento dos prejuízos que o álcool tem trazido a nossa sociedade e a sua difusão, que está acontecendo sem critério nenhum. Aqui não há também a intenção de culpabilizar as letras de músicas de forró como causa única da iniciação e uso abusivo do álcool, pois sabemos que a dependência surge em meio a inúmeros fatores e determinantes sociais.

O que sinalizamos, nesse momento, é o quanto podem ser significativos os processos acumulativos culturais e sua construção de interdiscursos nas instâncias públicas e dentro de lares que não possuem consciência crítica para trabalhar tais processos de associações. Isso pode gerar condicionamentos tendenciosos ao uso do álcool.

É válido salientar que, pela profundidade e polissemia de fatores desencadeantes ao uso das drogas, finalizamos questionando: As músicas de forró são fatores que traçam um perfil de estimulação ao uso do álcool e às culturas superpermissivas? Ou as músicas são apenas um reflexo do que já está posto e nada pode interferir nos hábitos da população?

REFERÊNCIAS

1. Meloni JN, Laranjeira R. Custo social e de saúde do consumo do álcool. *Rev Bras Psiquiatr* 2004; 26(Supl I):7-10.
2. Helman CG. *Cultura, Saúde e Doença*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
3. O'Connor AM. Consumer/patient decision in the new millennium: where should our research take us? *Can J Nurs Res* 1999; 30(4):257-61.
4. Galduróz JCF, Noto AR, Carlini EA, Nappo SA. I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil-2001. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, Departamento de Psicobiologia. Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas - CEBRID; 2002. p. 480.
5. World Health Organization (WHO). *Global status report on alcohol*. Genebra: WHO; 2004.
6. Bréscia VLP. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo; 2003.
7. Silva LE. *Forró no Asfalto: Mercado e Identidade Sociocultural*. São Paulo: Annablume; 2003.
8. Oliveira RFV, Costa LB, Araújo AO. Uma análise do retrato da mulher dentro do Forró. *Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*; 2010; Campina Grande (PB); 2010.
9. Leme M. *Que tchan é esse? Indústria e produção musical no Brasil dos anos 90*. São Paulo: Annablume; 2003.
10. Minayo MCS. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 108 p.
11. Frúgoli JRH. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2007.
12. Zamora MA. *O uso de álcool entre adolescentes: uma expressão de masculinidade [tese]*. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo Ribeirão Preto, Escola de Enfermagem; 2004.
13. Vasconcelos AE, Moreira AH, Guimarães GC, Novais MC, Costa TA, Nascimento ARA. *Uso de álcool e sociabilidade masculina: um estudo em músicas populares brasileiras*. XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social [Internet]. 2009 [acesso em 25 Jun 2013]. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/210.%20uso%20de%20%C1lcool%20e%20sociabilidade%20masculina.pdf
14. Custódio DKSA. *Álcool e sociabilidade: a farra das adolescentes*. [dissertação]. Rio Grande do Norte (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pós Graduação em Psicologia; 2009.
15. Silva KBS. *O consumo de álcool entre os adolescentes estudantes de escolas privadas católicas de Natal-RN [dissertação]*. Natal (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; 2006.
16. Reis GV. *O consumo de bebida alcóolica entre alunos do Ensino Fundamental e Médio [monografia]*. Paranaíba (PR): Departamento de Enfermagem da Universidade Paranaense; 2008.
17. Costa II. *A família e a constituição do sujeito na contemporaneidade*. *Interfaces: Revista de Psicologia* 1999; 2(11).
18. Quinderé PHD, Tófoli LF. *Análise do perfil epidemiológico dos clientes do centro de atenção psicossocial para álcool e drogas (CAPS AD) de Sobral-CE*. *Sanare* 2007; 6(2):62-3.

19. Reboussin BA, Song EY, Shrestha A, Lohman KK, Wolfson M. A latent class analysis of underage problem drinking: evidence from a community sample of 16-20 year olds. *Drug Alcohol Depend* 2006; 83(3):199-209.

20. Lioto M. O interdiscurso nas músicas sobre o consumo de bebidas alcoólicas. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem; 2010.

21. Silveira CM, Silva CC, Silva JG, Silveira LM, Andrade AG, Andrade LHG. Epidemiologia do beber pesado e beber pesado episódico no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Rev Psiq Clínica* 2008; 35(1):31-8.

22. Matos MIS. Alcoolismo: Paixão e Ingratidão In Matos MIS. De Meu lar é o botequim. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 2001. p. 79-99.

23. Nascimento CG. "Piriquetes e Putões": representações de gênero nas letras de pagode baiano. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder [Internet]. 2008. [acesso em 10 Out 2011]. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST55/Clebemilton_Gomes_do_Nascimento_55.pdf

24. Silva DFF. A história da Parents Music Resource Center (PMRC) [página na Internet]. 2008. [acesso em 22 Jun 2009]. Disponível em: <http://whiplash.net/materias/curiosidades/070046-twistedsisiter.html>

25. Costa FS. Mulher Fuleira: cultura e sentidos de identidade feminina no forró eletrônico. *Rev Litteris* 2013; (11):50-66.

Recebido em 03/10/2013. Aprovado em 12/03/2014.